

EDITORIAL

Com alegria que apresentamos o volume 2 do dossiê **Imaginário e Cotidiano**. Assim como o primeiro, ele representa uma série de esforços de, academicamente, discutir a produção de sentido, a circulação e a ressignificação de imagens, e a recorrência simbólica em diferentes culturas, situações, tempos e espaços e que formam o nosso cotidiano, suas práticas, dificuldades e encantamentos.

Neste volume, abre a sessão de artigos a pesquisa intitulada **Entre Harrys: de Pross a Potter – a importância dos símbolos na franquia Harry Potter**, de Carolina Chamizo Henrique Babo (Cáspere Líbero). Nele, a autora discute a importância dos mitos em nossas narrativas e forma de conhecimento. Traçando um caminho entre antigas e novas histórias, representada pelos livros e filmes de Harry Potter, ancorando teoricamente seu trabalho em estudiosos a começar por Harry Pross, de onde surgiu a proposta do título.

O espaço como proteção e resistência. Este é o foco do artigo **Os espaços órfãos em Terra Avulsa de Altair Martins**, de autoria de Márcia Regina da Silva Quintanilha Veras e Mairim Linck Piva (FURG). A obra, que retrata a questão do autoexílio, é objeto para relacionar o espaço físico e as questões subjetivas. As autoras trazem, em sua fundamentação teórica, autores importantes para o campo do Imaginário, como Durand, Bachelard e, para discutir o isolamento, Baumann.

Três obras de literatura brasileira contemporânea são trazidas por Antonio Rediver Guizzo (UNILA) para discutir a representação da vivência intensa do amor masculino nas situações de impossibilidade da realização ou da reconstituição do idílio amoroso. Esta análise está presente em **A maçã envenenada, leite derramado e o primo: um passeio pelo imaginário masculino na literatura brasileira contemporânea**.

Experientes pesquisadores do Imaginário, Alberto Filipe Araújo (Universidade do Minho, Portugal) e Iduína Mont'Alverne (UFF) nos brindam com o texto **Educar para a imaginação**. Defendem uma cuidadosa atenção hermenêutica por parte daqueles que tratam da relação da educação com a imaginação e, para isso,



apresentam o texto dividido em duas partes. A primeira, dedicada à educação da imaginação e, a segunda, à pedagogia da imaginação.

Philippe Joron (Université Paul-Valéry Montpellier, França) apresenta o texto **Georg Simmel et la sociologie du futile. Dans les anfractuosités du social et de l'intime** em que apresenta a construção teórica de Simmel para o conhecimento da realidade social pelas vias de uma sociologia do “fútil”, ou seja, pela observação daquilo que muitas vezes foi deixado à margem acadêmica, mas que formam esta realidade.

Nas representações, imagens e imaginários, Juliana Tonin e Larissa Azubel (PUCRS) promovem a discussão destas três instâncias conceituais e afirmam: “As imagens podem alimentar representações que definem imaginários”. Assim, vão formulando, no texto, assertivas que nos levam a pensar nestas relações de complementariedade, que forjam o nosso cotidiano.

Cotidiano este que ainda está marcado por cenas de preconceito, discriminação e racismo, talvez por uma matriz imaginal. Pela técnica da mitocrítica, Julvan Moreira de Oliveira (UFJF) analisou imagens que estão ligadas às personificações do mal, que, em nossa cultura, são simbolizadas pela cor preta. **A luz contra as trevas: o mal nas mitologias como raiz simbólica e imaginária do etnocentrismo** apresenta como proposta a reelaboração simbólica dos nossos discursos pedagógicos, em direção a outra estrutura imaginária, em que a cor preta não represente a queda.

Religião e representações da homossexualidade em escolas públicas de Penápolis - SP (1990-2009) é o artigo apresentado por Carlos Eduardo Marotta Peters (UNESP) e tem como foco as representações religiosas da homossexualidade produzidas em sala de aula, tendo como cenário contextual a disputa pelo monopólio do sagrado no campo religioso. Assim, o autor discute a inserção desse embate no universo escolar, problematizando a presença de discursos e práticas religiosas no cotidiano de escolas públicas de uma cidade paulista.

O simbolismo da água é tratado no artigo **Viagem e memória em Veneza: o imaginário da cidade entre a água e os sonhos**. A Veneza, tão entoada por poetas, é agora trazida à cena por Valéria Cristina Pereira da Silva (UFGO) e seu texto que se coloca como uma memória de viagem e que traz pela experiência, percepção e contato, uma fenomenologia da imaginação.



Encerrando este segundo volume, **O medo no Imaginário e um Imaginário do Medo**, fruto da discussão de Reginaldo Osnilo, Luiza Liene Bressan e Heloisa Juncklaus Preis Moraes no Grupo de Pesquisas do Imaginário e Cotidiano (Unisul), traz o medo como tema recorrente (e fundante) no Imaginário. Elemento que, dizemos, impulsiona a própria atualização simbólica do *homo*, mas que por sua vez desenvolve um repertório particular de imagens: o imaginário do medo. Assim, apresentam estas duas perspectivas: o medo no imaginário e a formação de um imaginário do medo.

Os textos aqui apresentados são preciosas produções que reforçam os estudos do Imaginário. Este dossiê, em seus volumes 1 e 2, com a ampla participação de pesquisadores da área, reforça a possibilidade de união de esforços e estabelecimento de redes de pesquisas para o fortalecimento da perspectiva teórico-metodológica sobre a qual debruçamos nossas pesquisas, nossos anseios e pela qual novos pesquisadores sentem-se seduzidos. Boa leitura!

**Organizadoras: Profa. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes (UNISUL) e
Profa. Dra. Juliana Tonin (PUCRS)**
(Organizadores do dossiê “Imaginário e Cotidiano”)